

c.1. Há quantos anos estuda e leciona Filosofia? Por qual motivo ingressou nessa seara?

Estudo Filosofia há dezoito anos e leciono há seis. Devido às mudanças na legislação educacional acionadas a partir de 2007 que abriram novas oportunidades com postos de trabalho no Ensino Médio.

c.2. Como descreveria a experiência pedagógica no magistério filosófico?

Já atuei nos Ensinos Fundamental, Médio de formação geral, profissionalizante e Ensino Superior. Cada instituição e turma é uma realidade, as demandas são particularizadas, mas de fato encontrei certa dificuldade no magistério filosófico no Ensino Fundamental, uma vez que há uma significativa distinção metodológica na didática para cada grupo.

Minha experiência mais interessante foi no Ensino Médio de formação geral e profissionalizante, pois me deparei com a realidade de um estudante que embora estivesse despreparado para interagir com os conteúdos, se mostravam interessados, após algum tempo de exposição aos conteúdos.

No Ensino Superior, no caso, em instituição pública e privada foram dois grupos distintos. A primeira, na rede pública, em atividade de graduação e extensão foi extremamente instigante e produtiva, gerando até uma publicação indexada.

Já na instituição privada foi lamentável, embora o curso não fosse específico de Filosofia, mas de Pedagogia, não houve interação e interesse nem dos estudantes nem da instituição com os conteúdos, gerando desconforto que me motivou a sair.

De todas as turmas que de estudantes em que tive a oportunidade de servir verifiquei que as mais interessadas e envolvidas no processo pedagógico foram as de instituições públicas, na rede estadual do Paraná.

Em síntese, instituições e estudantes são espelhados. Se não houver compromisso sério com a aprendizagem e para com os conteúdos não existe educação! Portanto, se lecionar é uma arte altamente especializada, aprender é um ofício dificilmente valorizado em algumas instituições.

c.3. Como vê a questão do ensino de Filosofia no Brasil atualmente?

Acredito que há razoável confusão sobre os parâmetros a serem adotados em todas as

implicações inerentes à questão.

Por exemplo, no Rio de Janeiro, na rede privada tolera-se o mínimo legal da disciplina, enquanto a rede pública com baixos investimentos pouco consegue manter do quadro de filósofos na rede.

No Paraná a coisa é diferente. Houve uma real preocupação por parte do governo estadual anterior em investir em Filosofia e Sociologia de maneira a proporcionar ao cidadão algum diferencial, embora as instituições públicas de Ensino Superior tenham desenvolvido estratégias para manterem seus critérios de seleção, tradicionais, com a roupagem das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná e mantiveram as aparências com a integração com a rede estadual. Por exemplo, o vestibular da UEM.

Creio também que existe certo mito que ronda as propriedades técnicas das disciplinas de Filosofia e Sociologia quanto a poderem habilitar os cidadãos com competências políticas quando em verdade a questão se dirige para a formação integral e transdisciplinar da pessoa no processo pedagógico global.

O fato da disciplina sofrer certo pré-conceito entre os pares que a admiram, mas também não a compreendem e dentre os estudantes, que não a compreendem imediatamente e reagem às técnicas pedagógicas propostas pelos professores, observa-se que o exercício da cidadania não depende dos saberes filosóficos ou sociológicos, mas na escola (instituição de ensino), durante o espaço curricular dedicado a esses espaços, deve-se ater o educador em ir ao encontro das necessidades de sua comunidade escolar, tendo como referência o Projeto Político Pedagógico, tendo em vista a clara função de quebra de paradigmas que a filosofia proporciona.

Desde que seja levada em consideração nessa perspectiva, creio que a filosofia tem muito a contribuir no espaço educacional, instigando a interação cidadão-estado enquanto competência e não apenas como conteúdos histórica e socialmente estabelecidos.

Por isso a defesa da manutenção do espaço curricular e, talvez, como feito em algumas escolas privadas, a ampliação para o Ensino Fundamental seja uma questão de princípio pedagógico e de gestão coparticipativa em educação, direcionando os estudantes a uma vivência efetiva do uso da razão e aplicação da reflexão no cotidiano.

c.4. Qual sua visão a respeito do que é a Filosofia em relação ao conhecimento filosófico e científico contemporâneo?

c.5. Quais são os desafios do ensino de Filosofia no estado do Paraná?

Inicialmente é a formação de recursos humanos preparado para os Ensinos Fundamental e Médio.

Num segundo momento e concomitante, o incentivo a realização de eventos e grupos investigativos do campo, para que haja alguma compreensão dos valores inerentes ao filosofar.

c.6. O que se poderia dizer aos estudantes de Filosofia e participantes do IF - Sophia - Assis Chateaubriand sobre a participação deles no evento?

O importante nesse processo investigativo é compreender que a filosofia não é um saber fechado e estanque, mas é o desenvolvimento de competências que envolvem uma visão transdisciplinar e holística da formação humana e sua efetiva participação política em todas as instâncias sociais.

Iniciativas como a do IF – Sophia vem ao encontro de trazer a público os debates em torno do filosofar e do ensinar filosofia, prática pedagógica a ser constantemente reformulada e produzida, mas o importante nisso, é focar no atendimento às necessidades da comunidade escolar, ao invés do diletantismo tão em voga na academia nacional.